

A PRODUÇÃO LITERÁRIA NA *REVISTA FEMININA* (1915-1936)

BONILHA, Juliana Cristina
Doutora UNESP/Assis - Professora do
IFSULDEMINAS/Muzambinho
juliana.bonilha@muz.ifsuldeminas.edu.br

Resumo: Neste artigo, discorreremos brevemente a sobre a Literatura encontrada nas páginas do periódico paulista *Revista Feminina* (1915 - 1936). Temos como enfoque realizar uma breve apresentação dessa produção para, assim, adentrarmos numa descrição das seções do periódico que se veiculavam em seu interior, não só para a mulher paulista, mas para a mulher brasileira. Não será nosso alvo a discussão de gênero, mas sim, a exposição da literatura presente em suas páginas que reflete o período de transformações seja no âmbito social, em que assimilavam-se ares de modernidade oriundos da Europa, seja no âmbito literário, em que os escritos ainda não estavam direcionados a uma tendência estética, mas sim conviviam em uma profusão bastante heterogênea. Para demonstrar a variedade literária presente na *Revista*, mostraremos alguns dos textos de autores consagrados no cânone literário que estiveram presentes no periódico, como colaboradores ou sob a forma de menção, como Coelho Neto, Olavo Bilac, dentre outros.

Palavras-chave: *Revista Feminina*; literatura; Antonio Candido, século XX.

1. Introdução

A historiografia literária vem se enriquecendo com o estudo sistemático de periódicos históricos por estudantes da área da Literatura. Uma das contribuições para a área é a descoberta de textos escritos por autores que integram o cânone em páginas de revistas pouco exploradas. Sobre o estudo de periódicos, a historiadora Ana Luiza Martins registra em *Revistas em Revista* que “ainda há muito que se pesquisar, compilar, interpretar e historicizar no tocante à temática, para sua efetiva compreensão”. (MARTINS, 2008, p. 11).

No entanto, não só a história pode ser resgatada no mergulho ao passado contido nos impressos, mas também registros da Literatura que se perpetuava e se difundia para os leitores de cada órgão, obtendo-se, desta forma, a tipologia textual que era tida como preferência do leitor, que delinea o público-alvo de cada periódico.

No caso da *Revista Feminina*, em particular, podemos apontar, através de registros históricos e da leitura sistemática dos textos que a compõem, um público leitor nacional, apesar de o periódico ser confeccionado na capital paulista.

Vale lembrar que, no século XX, a cidade de São Paulo passa por inúmeras transformações, sociais e urbanas, que vão da imigração à industrialização e reformulação do eixo estrutural de suas vias. Este panorama de transformações, permite e facilita certos avanços inclusive no modo de se publicar. As novas possibilidades no meio impresso vão, aos poucos, abrindo espaço para que as publicações possam se voltar a públicos específicos, como por exemplo, ao operariado, às comunidades, aos imigrantes e às mulheres.

Com relação ao grupo de revistas destinado ao público feminino, afirma Ilka Stern Cohen, no livro *História da Imprensa no Brasil*, organizado por Tânia Regina de Luca e Ana Luiza Martins: “no âmbito das chamadas revistas ilustradas, o segmento especificamente destinado às mulheres se destaca”. Formuladas para divulgar literatura e moda, as revistas

femininas brasileiras ganham espaço no século XX. Dentre as que possuem maior longevidade na imprensa brasileira, pode-se apontar a *Revista Feminina* como um dos principais veículos de informações para a mulher. De acordo com Dulcília Buitoni, o periódico teria sido a primeira grande revista feminina brasileira.

O nome não podia ser outro: *Revista Feminina*, fundada por uma mulher, Virgilina de Souza Salles, de tradicional família paulista. Surgiu em julho de 1914, e circulou durante 22 anos, até 1936. Essa publicação foi o exemplo mais perfeito da vinculação imprensa/ indústria/ publicidade, pois deve sua existência a uma bem-montada sustentação comercial, hoje ingênua, mas muito eficaz na época. (BUIIONI, 1986, p. 43).

Dentro do panorama em que muitos literatos haviam percebido na imprensa uma fonte de subsistência, a *Revista* - produção oriunda de uma família tradicional paulista - não poderia deixar de veicular os melhores escritores de sua época. Conforme nos lembra Cohen, havia uma estreita ligação entre literatura e imprensa.

Os laços profundos entre jornalismo e literatura tiveram como um dos efeitos mais profícuos o lançamento de um sem-número de revistas denominadas “literárias” mas que de fato ultrapassavam esse escopo: poesia, arte, literatura e teatro constituíam temas de regra, mas a crônica cotidiana quase sempre se impunha. [...] Escritores como Coelho Neto, Olavo Bilac, Bastos Tigre assinavam crônicas e colunas diárias nos jornais da capital federal, enquanto em São Paulo, Monteiro Lobato, Amadeu Amaral, Menotti Del Picchia, entre outros, freqüentavam as colunas do *Jornal do Commercio*, *Correio Paulistano* e o *Estado de São Paulo*. (LUCA, 2008, p. 107).

Esses mesmos laços permeiam boa parte do período em que se publicou a *Revista Feminina*. O periódico, que tinha como público-alvo as senhoras cujo acesso à educação lhes permitia o privilégio da leitura, estava impregnado de textos literários, devido ao seu intuito de difundir o saber e a cultura não só para a mulher, mas também para a família no geral.

2. Os textos literários da *Revista Feminina*

Apesar de o periódico em questão explicitar desde o seu nome o público ao qual desejava atingir, ao longo da leitura de seus números, ano a ano, podemos notar que toda a família era beneficiada pela publicação de obras literárias em seu interior.

Enquanto a leitora podia informar-se e divertir-se com poesias, contos e crônicas de teor romântico e maliciosos, as crianças recebiam atenção através da publicação de pequenas histórias de Monteiro Lobato ou de peças teatrais cujo intuito era propiciar um melhor contato entre mãe e filho, através da leitura.

Lembrando-se que o período era de efervescência cultural, de adaptação de costumes franceses e do início de uma abertura para o acesso ao estudo em relação às mulheres, pode-se dizer que o periódico era bastante variado e espelhava o período de transição nos diversos âmbitos, porque passou o Brasil.

Para expor a diversidade dos textos presentes na *Revista*, exploraremos algumas das seções da *Revista Feminina*.

2.1 As seções de Literatura: “Poemas da juventude”

A seção “Poemas da juventude” aparece apenas duas vezes (em abril de 1915 e em janeiro de 1916), e revela-se uma seção de intenso apelo emocional. Os textos, ao contrário do que indica o nome da seção, não possuem a estrutura formal de poemas, mas no geral tratam de temas que despertam a emoção de suas leitoras utilizando-se da prosa. Assinadas por Garcia Redondo, escritor que teve sua produção concentrada no final do século XIX, as pequenas narrativas de apelo emotivo-romântico – trazem como enredo histórias de amor e paixão. A ambientação, o espaço, o tempo e as personagens e o discurso fazem com que se tenha a impressão de se estar lendo uma história vivida e contada por uma pessoa íntima. As histórias são geralmente simplórias, isto é, os enredos não trazem complexidade e são de fácil entendimento, mas no geral demonstram e revelam a participação de escritores renomados numa atuação específica para o público feminino.

Garcia Redondo* colaborador da *Revista Feminina* foi também um dos integrantes da Academia Brasileira de Letras e fazia parte dos círculos literários não só brasileiros, mas também portugueses. Habitado a colaborar na imprensa e fundador de um periódico literário – *O Peregrino* - o autor realiza essa colaboração com a *Revista Feminina*.

Na seção de abril de 1915, são apresentados dois textos de Garcia Redondo – “Prelúdios” e “O silêncio eloqüente”. Segue a transcrição:

Prelúdios

A primeira vez em que nos vimos ela tinha doze anos.

Menina e travessa, não percebeu logo que o meu coração pulsava por ela e, querendo um companheiro para os seus brincos infantis, levou-me a um bosque umbroso onde gemiam regatos e aves canoras
trinavam.

Ali, no meio da selva, a sós comigo, disse-me:

— Vira-te de costas que vou esconder-me. Depois, procura-me. Se me achares, dou-te um beijo.

— E se não te achar?

— Dou-te um murro, respondeu logo agastada e mostrando-me o seu punho fechado.

* Garcia Redondo (Manuel Ferreira G. R.), engenheiro, jornalista, professor, contista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 7 de janeiro de 1854, e faleceu em São Paulo, SP, em 6 de outubro de 1916. Convidado a comparecer à última sessão preparatória para a criação da Academia Brasileira de Letras, fundou a Cadeira nº 24, que tem como patrono Júlio Ribeiro.

Filho de Manuel Ferreira de Sousa Redondo e de Francisca Carolina Garcia Redondo. Frequentou a Universidade de Coimbra por algum tempo, cursando humanidades. Foi companheiro de poetas e escritores portugueses e brasileiros, entre os quais Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro e Cândido de Figueiredo. Em 1872, ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, pela qual obteve o grau de engenheiro e bacharel em ciências físicas e matemáticas.

Em fins de 1878, nomeado engenheiro fiscal de obras de Alfândega de Santos, transferiu-se para aquela cidade, onde residiu até 1884, transferindo-se daí para a capital de São Paulo.

Em Portugal, colaborou no *Novo Almanaque Luso-brasileiro de Lembranças* e fundou *O Peregrino*, periódico literário, onde teve por companheiros de redação Augusto Bittencourt e Sergio de Castro. No Rio de Janeiro, colaborou na *República* em sua primeira fase, quando redigida por Salvador de Mendonça, e na segunda fase em 1878; na *Idéia*, periódico literário; no *Mosquito*, semanário humorístico; no *Jornal do Commercio*; no *Repórter*, onde publicou folhetins semanais, e na *Revista de Engenharia*. Pseudônimos: Um contemporâneo; Um plebeu, Cabrion, Pepelet, Gavarni, Nemo, Childe Harold. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Garcia Redondo. <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=560&sid=247>. Acesso em 30 de janeiro de 2012).

Escondeu-se, mas eu permaneci quedo no mesmo lugar.
 Quando, minutos depois, reapareceu, desapontada, perguntou-me:
 — A promessa do meu beijo não te despertou o desejo de me procurar e achar?
 Prefiro o teu murro, respondi.
 Ela ergueu o braço e pousou levemente os nós dos seus dedos na minha face trêmula. Em seguida, olhou-me e, vendo-me triste, colou os seus lábios aos meus num beijo longo, que eu retribuí longamente.
 Desde então, nunca mais me convidou para brincarmos no bosque.

O silêncio eloqüente

Numa roda juvenil e galante, onde estava a minha doce amada, discutia-se a paixão.
 Uma loura, muito formosa, de olhos cerúleos, perguntou às outras:
 Que fariam vocês se tivessem entre as mãos o coração do bem amado?
 Uma morena respondeu logo:
 Cobria-o de beijos.
 Outra, de coma ondeante e castanha, disse:
 Punha-o no escrínio das minhas jóias cintilantes.
 Uma terceira, de cílios dourados, emendou:
 No escrínio não, que é frio; punha-o no seio, no meu seio macio, para comunicar-lhe o calor do meu corpo.
 A que fizera a pergunta disse então desdenhosamente:
 Tolas! um coração morto e frio é lixo inútil..
 A minha amada conservava-se muda, mas dos seus olhos febris corriam lágrimas quentes.

Confrontando o enredo das duas histórias, nota-se que o tema central é a paixão – inocente ou calorosa – das personagens. O enredo centraliza-se no jogo da conquista e as personagens são dotadas, ao mesmo tempo de certa ingenuidade e malícia. O tempo das narrativas é o passado, mas próximo, o que faz com que a história seja próxima da leitora. O narrador é o homem que ama e é ele quem descreve toda a ação.

Tais histórias são apresentadas às leitoras como forma de entretenimento literário, e lhes propiciam um contato com um universo imaginativo, ficcional. Se se compara esta seção com as demais que aparecem na *Revista Feminina*, nota-se que este era um espaço dedicado a propiciar à mulher um contato com o imaginário e, ao mesmo tempo, funcionava como meio de entretenimento. É importante lembrar que um dos intuitos primordiais da *Revista Feminina* era o de oferecer uma leitura “sã e moral” à mulher e que contribuísse para sua “educação”, como afirma D. Virgilina de Souza Salles, diretora do periódico, em um no editorial de dezembro de 1918:

A nossa revista representa um gesto abnegado de altruísmo. Criá-mo-la pela necessidade premente de que se ressentia o nosso meio de uma leitura sã e moral e que, ao lado da parte recreativa e literária, colaborasse eficaz e diretamente na educação doméstica e na orientação do espírito feminino, não temos e não teremos nenhuma pretensão descabida; nosso esforço é modesto e humilde; não pretende ensinar nem reformar; o que pretende é apenas colaborar, na medida de suas forças, para a educação feminina. (*Revista Feminina*, dezembro de 1918).

REVISTA FEMININA 11

Muitas paginas se encheriam reconquiste o lugar a que tem direito com os nomes dessas senhoras refeito nas sociedades bem organizadas, por meios sussorios, batalhadas.

S. Paulo.

Em Portugal o movimento feminista foi sempre digno de menção, com D.ª Maria Amalia V. de Carvalho, Olivia T. de Menezes, Clorinda de Macedo, Guiomar Torrezo e actualmente D. Anna de Castro Ozorio e outras. Só no Brasil a Mulher parece conservar-se inactiva — dir-se-ia uma chrysalida entorpecida no casulo da indiferença. Mas é preciso que ella se faça nympha e crie azas, que alargue o seu horizonte rompendo obstaculos e en-traves para conquistar o lugar que lhe compete nas sociedades modernas.

E' um erro suppor que a Mulher, para collaborar com o homem publicamente, deva abandonar a tunçação carinhosa do lar. O tempo sabiamente dividido permittirá que não se descuidando do lar, ella ocupe as horas vagas na leitura e no estudo, preparando o seu espirito para as contingencias cada vez mais difficeis da lucta pela vida. A toilette é o triumpho da mulher e muitas senhoras embaldadas por esta mystificação dedicada do sexo opposto, illudem-se e escravidam-se cada vez mais, satisfazendo apenas o orgulho dos homens.

A alma é que se deve adornar. O corpo é ephemero: o espirito não.

A leitura de um bom livro vale mais do que os repetidos passios, e a palestra continuada sobre modas, creados e pequenos "potins" de sociedade não é a mais adequada a educação espirital necessaria a mulher moderna.

E' por isso que eu saúdo com o mais gracioso entusiasmo, com a mais sincera satisfação a Exma. Srna. D. Virgíllina de Souza Salles, pela brilhante iniciativa que acaba de ter, fundando um jornal para senhoras que, embora isento de caracter feminista, concorrerá para o preparo do espirito da Mulher brasileira de hoje para que amanha ella

S. Paulo.

POEMAS DA JUVENTUDE

(Collaboração especial para a Revista Feminina de S. Paulo.)

PRELUDIOS

V

A primeira vez que nos vimos ella tinha doze annos e eu quinze. Menina e travessa, não percebeu logo que o meu coração pulsava por ella e, querendo um companheiro para os seus brincos infantis, levou-me a um bosque umbroso onde gemiam regatos e aves cantoras tímidas.

Ah! no meio da selva, a sós comigo, disse-me:

— Vira-te de costas que vou esconder-me. Depois, procura-me. Se me achares, dou-te um beijo.

— E se não te achar?

— Dou-te um murro, respondeu logo agastada e mostrando-me o seu punho fechado.

Escondi-me, mas eu permaneci quédo no mesmo lugar.

Quando, minutos depois, reapareceu, desapontada, perguntou-me:

— A promessa do meu beijo não te despertou o desejo de me procurar e achar?

Prefiro o teu murro, respondi.

Ella ergueu o braço e pousou levemente os nós dos seus dedos na minha face tremula. Em seguida, olhou-me e, vendo-me triste, collou os seus labios aos meus n'um beijo longo, que eu retribuí longamente.

Desde então, desde então, nunca mais me convidou para brincar: mos no bosque.

O SILENCIO ELOQUENTE!

VI

Numa roda juvenil e galante, onde estava a minha doce amada, discutia-se a paixão.

Uma loura, muito formosa, de olhos ceruleos, perguntou ás outras:

— Que fariam vocês se tivesses entre as mãos o coração do bem amado?

Uma morena respondeu logo:

— Cobria-o de beijos.

Outra, de coma ondeante e castanha, disse:

— Punha-o no escritorio das minhas joias scintillantes.

Uma terceira, de olhos dourados, entendeu:

— No escritorio não, que é frio: punha-o no seio, no meu seio macio, para communicar-lhe o calor do meu corpo.

A que fizera a pergunta disse então desdenhosamente:

— Tolas! um coração morto e frio é liso inutil...

A minha amada conservava-se muda, mas dos seus olhos febris corriam lagrimas quentes.

S. Paulo, 1882.

Garcia Redondo
(Da Academia Brasileira)



Vestido de setim rosa velho, collado, com tulos de entalado preto azarí monda.

O VICIO DE ROER AS UNHAS

Temos em mãos neste momento um excellente preparado, da Mfg. Drugs S. Paulo C., para evitar o vicio de roer as unhas, que é muito commum nas creanças e que além de ser repugnante, é sempre prejudicial, provocando lesões no esmalto e caries. frequentes de appendicite com morte em 24 horas.

Quem vê uma linda creança, com os dedinhos postos na bocca cor de rosa, roendo as unhas, não imagina muitas vezes os perigos a que ella se expõe e cuja responsabilidade cabe as mães imprevidentes e descuidadas. Por um accordo com a *Manufacturing Co.*, pedimos acesita os pedidos das nossas leitoras, ao preço de \$8500 o vidro, livre de porte.

A seção "Poemas da Juventude" — abril de 1915

Sem dúvida, a presença de "Poemas da Juventude" e outros artigos e seções literárias que aparecem na *Revista* confirmam o propósito de Virgíllina que era o de aproximar a leitura "recreativa e literária" "sã e moral" da mulher. A partir do contato com textos literários, ela poderia enriquecer sua cultura, e, ao mesmo tempo, se distrair das tarefas que lhe eram comuns, como cuidar da casa e de sua família.

Todavia, por mais que a presença da Literatura fosse frequente nas páginas da *Revista Feminina*, o que demonstra certa preocupação com a situação educacional da mulher, não havia, por parte da *Revista*, ideais revolucionários. A literatura aparece apenas como forma de conscientizar, educar, colaborar culturalmente. Isso fica claro quando se observa as demais seções não-literárias que aparecem nesse periódico, como "Como enfeitar a minha casa", "Como agradar o meu marido", entre outras. Assim, pode-se dizer que a leitura literária aparece como meio de tentar ampliar o universo feminino, que se restringe até este momento ao ambiente doméstico.

Na temática dos textos, tanto nos literários quanto nos não-literários, geralmente predominam temas tradicionais, como a paixão, o amor, o casamento e temas religiosos.

Na mesma seção, mas no ano de 1916, publica-se apenas um texto, que mais uma vez pertence a Garcia Redondo. “Enfim!” traz como enredo a descrição dos sentimentos de um casal em sua festa de casamento, de forma idealizada, sob o olhar apaixonado do narrador.

Enfim! (Garcia Redondo)

Linda, linda, no seu vestido de seda alva, de cauda longa, coberto de flores de laranjeira, ela subia ao meu lado a escada alpendrada do nosso ninho adorado.

Ouvimos atrás o burburinho dos amigos e das amigas que subiam também, conversando alegremente.

A tarde, serena e tépida, prometia uma noite estrelada, num céu muito azul, como os céus desse Rio de Janeiro formosíssimo e fascinante.

Nós íamos silenciosos, acariciados pelos olhares amigos, inundados de felicidade ambicionada, sem encontrar a frase precisa para pintar o nosso júbilo e a nossa ventura.

No topo da escada um rancho de meninas louras e lindas, vestidas de branco, esperava-nos, atirando com as mãos pequeninas e róseas beijos e flores.

Lentamente, lentamente, subíamos, demorando a ascensão para ter esse gozo indizível de receber afagos e felicitações que não se repetem jamais.

Ela, feliz e trêmula, sob a chuva de pétalas que caíam, levemente ruborizada sob o seu véu, parecia-me um anjo, planando no alto em busca do paraíso.

E eu levava-a pelo braço, sem sentir o seu peso, crente de que ela se elevava, por um fenômeno de levitação, sem pousar os pés no solo.

Súbito uma voz nos disse:

– Quero ser a primeira a abraçá-lo.

E dois braços cingiram os nossos dois corpos unindo-os conjuntamente a um colo amigo, perfumado e palpitante. Era a Anita, a querida Anita, que nos esperava no alpendre e que nos conduziu para a sala.

Ao lado da doce amiga o seu noivo olhava-nos, cheio de inveja.

E eu, lembrando-me de uma promessa feita, disse baixinho à companheira amada, que o céu me destinava:

– Bem vês que foi antes da Anita...

A sua mão apertou carinhosamente a minha, os seus olhos fizeram-me deliciosas promessas e os seus lábios murmuraram apenas:

– Enfim!

Repleto de imagens tradicionais que fazem menção ao casamento, como as flores de laranjeira, o uso da cor branca, e o véu, o enredo do texto – a festa de casamento de um casal apaixonado – é bastante simplório. Porém o trabalho com as figuras de linguagem, como metáforas, por exemplo, e a escolha dos vocábulos “transformam” essa festa tradicional numa espécie de sonho, em que a atmosfera é leve, e as personagens “sobem” as escadas como se subissem ao paraíso. O casamento aparece como uma união celestial; a noiva, idealizada pelo olhar apaixonado do noivo, “parece um anjo, planando no alto em busca do paraíso”. Ao mesmo tempo em que traz essa suposta “leveza”, o texto traz uma atmosfera de malícia observada em várias passagens do texto, como esta, que descreve uma amiga do noivo “E dois braços cingiram os nossos dois corpos unindo-os conjuntamente a um colo amigo, perfumado e palpitante”.

Nota-se, portanto, que os textos presentes na *Revista* mantêm-se atrelados a uma poesia romântica, voltada à mulher e que portanto está desapegada de tendências literárias. Sobretudo a partir da leitura desses textos, pode-se ter uma amostra de que a literatura ainda estava em fase de desenvolvimento e amadurecimento e ainda não havia se engajado naquilo que viria a ser o modernismo. Na verdade, a literatura da *Revista Feminina* apesar de ser fruto de personalidades literárias do início do século XX, não está associada àquilo que era produzido pelos acadêmicos paulistas. Trata-se de uma literatura direcionada e desenvolvida para entreter e ao mesmo tempo proporcionar cultura para a leitora da *Revista Feminina*.

Os três textos integrantes da seção “Poemas da Juventude” são apenas uma pequena parte da *Revista Feminina* em que se observa a preocupação em propiciar o contato das mulheres com uma Literatura direcionada ao público leitor, que não integrava as rodas de Literatura paulistas, mas que conhecia e apreciava os literatos do período.

Um ponto que não se pode deixar de comentar é a questão da autoria do texto. De acordo com as pesquisas realizadas, não há registro desses textos de Garcia Redondo em livros, revistas ou jornais da época. Assim, pode-se concluir que estes textos ilustram a escrita do autor para o público da *Revista*, e que, portanto, são originais.

2.2- A seção “Livros recebidos”

Diferentemente da seção de Garcia Redondo, na seção “Livros Recebidos” não são publicados textos literários. O trabalho a que se propõe aí é o de divulgar as obras que estão em destaque e que são recebidas pela direção da *Revista Feminina* para divulgação.

É imprescindível recordar que Cláudio de Souza, irmão da fundadora da *Revista*, D. Virgilina de Souza Salles, faz parte do corpo editorial da publicação. Apesar de renomado médico, Cláudio participa das rodas literárias e tem contato com famosos escritores deste período, o que facilita na divulgação de obras literárias recém-lançadas – pois os escritores enviavam-lhe os exemplares tão logo eram lançados – e, ainda, na grande participação desses escritores como colaboradores da *Revista*. É, portanto, quase certo que a preocupação com a presença da Literatura nas páginas em questão tenha sido de responsabilidade de Cláudio de Souza.

Dentre as colaboradoras deste periódico paulista, mas de abrangência nacional, Prisciliana Duarte de Almeida, Júlia Lopes de Almeida, Coelho Neto, entre outros, aparecem anunciados com grande destaque para que as leitoras notem que ilustres personalidades da sociedade figuram nas páginas do periódico. Nesta pequena amostra de dois anos de *Revista*, observa-se a publicação de textos de colaboradores e de trechos de obras de autores de outros períodos literários, como Machado de Assis e Guy de Maupassant. Quando um novo colaborador é apresentado às leitoras, isto se faz numa seção específica, intitulada “Novos colaboradores” e lá o acesso ao nome das personalidades da época se dá de forma direta e sempre com grandes elogios. A ilustração que se segue traz uma das aparições as seção e revela como a *Revista* apresentava seus colaboradores



<p>Novos Collaboradores</p> <hr style="width: 100%;"/> <p>Mais um nome consagrado podemos annunciar ás nossas leitoras, entre os nomes de nossos collaboradores:— Julio Cesar da Silva, o delicioso poeta, cuja arte de perfeições minuciosas,</p>	<p>é mondada mesmo dos mais ligeiros e sonateiros granidos. Os lindos versos com que elle nos honrou e que publicaremos no proximo numero, dirão mais do que o nosso verbo insipido das bellezas do seu estro.</p> <p>E assim, dia a dia, por um esforço constante e tenaz, vamos congregando no nosso corpo de collabo-</p>	<p>radores os mais brilhantes expoentes da intellectualidade brasileira.</p> <div style="text-align: center; margin-top: 10px;">  </div> <p>A METROPOLE Exposição de "móveis, tapetes e decorações. Reformas de móveis estofados, colchões e almofadas.</p> <p>ERNESTO MARINO & C. RUA BOA VISTA, 27 TELEPHONE. 1500</p>
---	--	---

A seção “Novos Colaboradores”

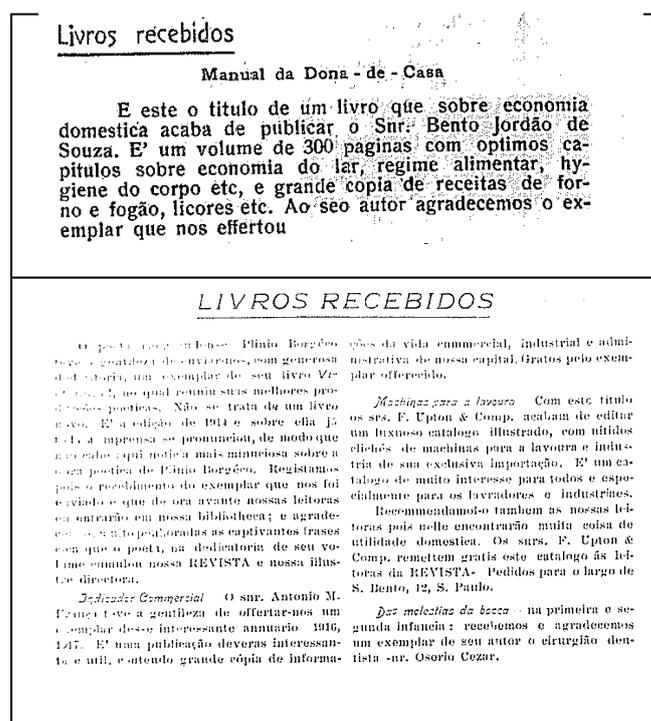
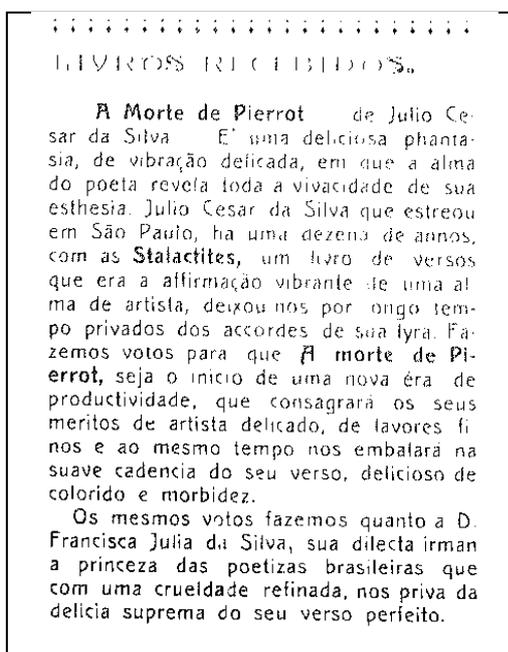
A seção “Livros recebidos” traz sempre uma pequena resenha dos livros que tem à disposição para ofertar a sua leitora. A apresentação se dá em poucas linhas, e o nome do autor, assim como na seção “Novos colaboradores”, se faz presente quase que com maior evidência que o título do livro ou da obra que se apresenta.

Contudo, é importante ressaltar que nesta seção são mencionados todos os tipos de livros – não só os pertencentes a “admiráveis” escritores do início do século XX, mas também

àqueles que trazem assuntos que podem agradar às leitoras. Na segunda imagem da seção “Livros Recebidos”, pode-se ler o anúncio de um livro de economia, intitulado “Manual da Dona de Casa”, cujo assunto central é o ambiente doméstico: “economia do lar, regime alimentar, higiene do corpo, receitas de forno e fogão, licores”. Pode-se dizer que a seção é, sob este ponto de vista, bastante variada, e que com ela não se pretende apenas instruir a leitura de clássicos literários, já que contém todo tipo de texto que agregue algum tipo de conhecimento para as mulheres.

Nas demais figuras relativas a esta seção que se selecionou acima, destacam-se, ainda, duas que se referem a textos de Literatura e uma que traz títulos de livros de medicina e lavoura. As obras *A morte do Pierrot*, de Júlio César da Silva e *Páginas Infantis*, *O livro das aves*, e *Sombras*, de Prisciliana Duarte de Souza são brevemente descritos, porém são bastante recomendados às leitoras. Já *Das moléstias da boca*, *Máquinas para a lavoura* e *Indicador Comercial* são apenas descritos.

É interessante ressaltar que a seção “Livros recebidos” não só apresenta resumos dos livros, mas faz uma espécie de apresentação-recomendação às leitoras, para que estas comprem os livros, mas principalmente para que os consultem na biblioteca mantida pela direção da *Revista*.



Recortes da *Revista Feminina* – a seção “Livros recebidos” de abril de 1915; julho e novembro de 1916

Portanto, esta é uma seção de divulgação das obras que as leitoras podem acessar, seja por meio da compra, seja por meio do empréstimo na biblioteca da *Revista*.

A relevância dessa seção dá-se por repercutir aquilo que era tendência de leitura no Brasil durante o período de veiculação do impresso. Nos recortes acima, note-se, por exemplo, o anúncio do livro *A morte de Pierrot*, de Julio César da Silva, poeta que transitou entre as tendências Simbolista e Parnasianista.

2.3 A seção “Livros Novos”

À semelhança da seção “Livros Recebidos”, “Livros Novos” também traz resenhas de obras em destaque. No que concerne ao conteúdo sobre o qual versam, há apenas uma diferença entre as duas seções – “Livros Novos” explora obras apenas relacionadas à literatura enquanto “Livros Recebidos” publicava também sobre obras de outros temas.

Na primeira amostra da seção a que se teve acesso, encontrada na *Revista Feminina* de setembro de 1916, o livro que se analisa é *As árvores*, de Júlia Lopes de Almeida. Assim como na seção “Livros Recebidos”, o texto inicia-se com o agradecimento pelo envio da obra que fará parte da biblioteca mantida pela *Revista*, e termina com pequenos comentários sobre seu conteúdo:

A nossa brilhante colaboradora D. Júlia Lopes de Almeida teve a bondade de enviarnos um exemplar de seu último livro - *As árvores* - escrito de colaboração com seu filho o jovem poeta Afonso Lopes de Almeida, que com não menor brilhantismo, vem continuar as tradições literárias de sua ilustre progenitora e de seu pai, Felinto de Almeida, um de nossos mais delicados cantores e um dos membros da Academia Brasileira de Letras. [...] O novo livro de D. Júlia e de Afonso de Almeida é um livro escolar, interessante, bem feito e que todo ele é um hino à arvore, procurando criar no coração de criança o culto apaixonado da Natureza, não só pelo seu lado estético, mas também pelo seu lado prático e econômico. (*Revista Feminina*, setembro de 1916, p.9)

O fragmento revela a proximidade entre a direção da *Revista* e a poetisa Júlia Lopes de Almeida e comprova a divulgação de uma literatura que ainda se moldava. O fragmento também registra o momento que publicação se concretiza e começa a ser distribuída.

A seção “Livros Novos” continua a ser publicada até o término da *Revista*, em 1936, com o mesmo molde da seção “Livros recebidos”, ou seja, primeiro apresentando a seção e depois efetuando a descrição da obra. As obras destacadas em outubro de 1916 são *Jardim de Académus*, de Gomes dos Santos, alguns versos de Leôncio Correia e *Páginas para a*

infância, de Helena Junqueira Loureiro. Em novembro, explora-se o livro de Carlos de Vasconcelos sobre Antonietta Rodge. Todos esses títulos ilustram a condição literária brasileira de transitoriedade e de apego à tradição.

Conforme é possível perceber na imagem anterior, a seção “Livros Novos” traz uma resenha de *Setembro*, de Manuel do Carmo, que teve sua primeira edição em 1917. Apresenta, ainda, versos de Bernardim Ribeiro e Laurindo de Brito, sendo que o primeiro foi um escritor português renascentista.

Portanto, a *Revista* mostrava-se bastante aberta à publicação das mais variadas obras, e publicava desde lançamentos à obras de origem mais remota, desde que seu conteúdo tivesse relação com a leitora do periódico.

2.4 A seção “Coleção Alva”

Como se ressaltou anteriormente colaboram com a *Revista Feminina* inúmeros escritores de certo prestígio na sociedade, não só paulista, mas de todo o país. O maranhense Coelho Neto era um deles. O pré-modernista mantinha uma seção literária em que publicava pequenas narrativas, intitulada “Coleção Alva”. Nos dois anos iniciais de publicação da *Revista Feminina* encontram-se alguns textos do escritor que não estão inseridos em nenhuma seção, como “A caçada” e “No tribunal”. A seção “Coleção Alva” aparece apenas duas vezes nos números de 1915 a 1916, aos quais se teve acesso.

Os recortes a seguir trazem na íntegra dois textos de “Coleção Alva”. É possível perceber a repetição da temática da conquista amorosa, da narrativa que tem como narrador o homem apaixonado e a presença de um enredo simples, que em muito contrasta com as obras de Coelho Neto. Tais textos comprovam a independência da *Revista* em relação ao cânone e, ao mesmo tempo, mostra outra perspectiva do renomado escritor.

COLLECCÃO ALVA

(Coelho Netto)

E' pontual, disse minha amada sorrindo.

Cabia-me o cumprimento porque, justamente á hora determinada para o primeiro encontro, eu me achava ao alcance dos seus lábios.

Pontual, affirmei, beijando-lhe as mãos delgadas. Possuo um regulador sem igual em todo o mundo. E' possível que, as vezes se adiante: ainda assim não o troco pelo famoso relógio da torre de Strasburgo. Trago-o sempre commigo, todavia foi necessario que me apparecesses para que eu descobrisse o valor inestimavel dessa preciosidade. Nos lábios de minha amada lindamente desabrochava um curioso sorriso.

Sem lhe deixar as mãos continuei fallando para os seus olhos: Não pára; disse-me alguém que ha um só meio de o fazer parar. Fitei-a com amor e, enternecido tomando-lhe as mãosinhas:

Mas tu has de ser minha sempre? dize...

Sempre! jurou num suspiro profundo. Mas, a eterna curiosidade termina...

E tens commigo esse regulador? Mostra-m'o...! pediu.

Pousei a sua pequenina mão sobre o meu peito. Sentes?

E' o coração, disse com os olhos risonhos.

E' o meu regulador. Não pára nunca a menos que tu... e, beijando-lhe as mãos ia para dizer-lhe palavras que a maguavam quando, a rir, ella acudia, muito vermelha!

Por isso! Ah! Bem me parecia... Por isso é que acordo agora tão cedo! Ah! bem me parecia... por isso é que não me chamam mais a preguiçosa... E, enquanto eu lhe beijava as petalas dos dedos, ajuntou jocunda: Acertei o meu coração pelo teu: é elle que me acorda tão cedo e que me não deixa dormir. Por isso... por isso... Ah! bem me parecia!

COLLECCÃO ALVA

COELHO NETTO

V

Não podes comprehender o texto santo, ris das palavras biblicas, emtanto não ha verdades mais limpidas das que as que foram escriptas pelo patriarca do exodo.

Perguntas como poude o Senhor tirar das trevas a terra e os astros, os astros principalmente, rutilos, resplandecentes. Queres a explicação do misterio? Cerra as paginas da Biblia e mira o teu rosto no crystal do espelho.

Teus olhos... O Cháos, de certo, não era tão escuro. E' possível que exista maior treva? Dize, já viste noite alguma comparavel ás tuas pupillas? Emtanto, repara como scintillam, vê quanta luz expandem. Teus olhares, teus olhares... que luz d'astros á mais fulgurante?

Se o meu amor arranca dos teus olhos tanta luz, porque duvidas de que Deus houvesse do Cháos tirado o sol da madrugada e as estrellas das noites? Que maior trevas queres, meu amor, do que a de teus olhos e que mais astros queres do que as tuas luminosas pupillas.

VI

— Delicioso aroma! disse alguém tomando-me das mãos o lenço que eu trazia.

Delicioso aroma! Achei curioso. Eu nesse, não perfumara o lenço. Para convencer-me aspirei-o também e sahi-me expontanea a mesma exclamação: — Delicioso aroma! E pensei. Teria eu mesmo perfumado o lenço? não com certeza. Demais, aquella essencia tão delicada, tão subtil tão branda, jamais eu possuiria. Que flor teria tão estranho aroma...? Não me constava que tal flor houvesse; entretanto, por força, ella existia. De repente lembrei-me: — Meu lenço, nesse dia, roçara brandamente pelas rosas do teu rosto.

Nos moldes da seção “Poemas da Juventude”, de Garcia Redondo, a “Coleção Alva” traz textos que trabalham enredos amorosos. No primeiro deles, de abril de 1915, narra-se o encontro de um casal apaixonado que troca mensagens de amor. Na seção de junho de 1916, o primeiro dos dois textos que aparecem traz um enredo menos óbvio ou mais denso, apelando para metáforas que se referem ao “Caos” narrado no livro do Êxodo, na Bíblia. O narrador compara os olhos da mulher amada às trevas, por sua escuridão, e as pupilas, “cintilantes” e “luminosas”, à luz do Sol e às estrelas. No último e brevíssimo texto, por fim, narra-se mais uma passagem de apelo emotivo, em que um jovem que carrega um lenço perfumado é abordado por outra pessoa que elogia o perfume do objeto e este se lembra de que o aroma deixado no lenço provinha das “rosas” do rosto de sua amada. Essa é uma seção de textos literários voltados à imaginação feminina, pois relata imagens de romances e paixões. Esses temas teoricamente eram de interesse da mulher. Porém é interessante notar que não só essa seção, mas outras como “Poemas da Juventude”, são assinadas por homens, fato que torna a *Revista* um espaço em que por vezes predomina a visão do homem em relação ao que se considera interesse feminino.

No caso da seção “Coleção Alva”, como colaborador de uma revista de perfil feminino, Coelho Neto restringe os temas de apelo romântico e emotivo. Há também contos e poemas em prosa do autor que não estão inseridos em seções cujos temas fogem desse critério. Vale observar que, por vezes, a *Revista Feminina* repete alguns textos publicados em outras edições. Este é o caso de “Relógio do Coração”, de Coelho Neto, que depois de aparecer em “Coleção Alva”, em 1915, repete-se em dezembro de 1918, mas nesta nova versão, ganha uma página de destaque cercada de ilustrações, conforme é possível observar na imagem que se segue.

3. Considerações finais

Considerando-se a presença de autores como Coelho Neto, Garcia Redondo, dentre outros, cujos escritos ainda não traziam os ares de uma nova tendência e aqui podemos mencionar o Modernismo que se inicia a partir de 1922, e, ainda, a utilização de uma escrita emotiva, porém sem grande acabamento formal, pode-se dizer que a *Revista Feminina* reflete um panorama de transição literária.

Os textos de Literatura nela publicados não estavam envolvidos diretamente com uma obrigação de difusão do desenvolvimento literário de sua época, porém, em seu conjunto, acabam espelhando a ausência momentânea de uma estética predominante. Há a convivência de estilos e de autores, e, até mesmo, a criação de algo voltado a um público específico, uma vez que a imprensa acolhia e possibilitava aos escritores e literatos, desde o final do século XIX, a subsistência através da publicação na imprensa.

Sendo assim, a *Revista* reflete um momento, um convívio de estéticas anteriores, ou, na terminologia de Antônio Candido, uma *literatura de permanência*, período de valorização do tradicional e da busca pelo novo.



**O RELOGIO
DO CORAÇÃO**

— *E' pontual, disse minha amada sorrindo. Cubria-me o louvor porque, justamente, á hora aprazada para o encontro, eu sorria, dentro das suas pupillas, e ella corava, timida, nas minhas.*

— *Pontual, affirmei beijando-lhe as mãos delgadas. Possão um regulador sem igual em todo o mundo. E' possível que, ás vezes, se adiante; ainda assim não o téoro pelo famoso relógio da Cathedral de Strashurgo.*

Trago-o sempre commigo, todavia foi necessario que me apparecesses para que eu descobrisse o valor inestimavel d'essa precisidade.

Lindamente, nos labios de minha amada, desbrochava um sorriso curioso. Sem lhe deixar as mãos continuei falando para os seus olhos:

— *Não pára. Disse-me alguém que só ha um meio de o fazer parar... Fitei-a com amor, e, enternecido: Mas tu has de ser sempre minha... dize?*

— *Sempre! affirmou n'um suspiro. E tens contigo esse regulador? mostra-m'o pedio. Pousei a sua pequenina mão sobre o meu peito:*

— *Sentes?*

— *E' o coração, disse ella com os olhos risonhos.*

— *E' o meu regulador. Não pára nunca, a menos que tu... E, beijando-lhe as mãos, ia para dizer-lhe palavras que a maguavam quando, a rir, ella irrompeu muito vermelha:*

— *Ah! bem me parecia... Por isso é que accordo agora tão cedo! Por isso é que não me chamam mais a preguiçosa...*

E, enquanto eu lhe beijava os dedos ajuntou jocunda: Acertei o meu coração pelo teu — é elle que me acorda tão cedo e me não deixa dormir mais... Por isso... por isso... Ah! bem me parecia...!

Coelho Netto

REFERÊNCIAS

Corpus:

Revista Feminina (publicação mensal). São Paulo. 1914-1930.

ANTELO, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984. BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4.ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1979.

_____. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*: 4.ed. rev. e aum. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. *Espelho da Mulher: Revista Feminina (1916-1925)*. Tese de doutoramento. Departamento de História da FFCL, USP, São Paulo, 1991.

LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Imprensa Oficial, Edusp, FAPESP, 2001.

MASCARO, Sônia de Amorim. *A Revista Feminina: imagens de mulher (1914-1930)*. Dissertação de Mestrado Área de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Arte da USP, São Paulo, 1982.

MEYER, Marlise. O romance-folhetim atravessa os mares. In: _____. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 279-318.

NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.